

Introdução

“Escrever é uma questão de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido”.

A literatura e vida - Gilles Deleuze

O presente trabalho nasceu e amadureceu a partir da observação feita da prática em maternidades e dos atendimentos domiciliares às mulheres no ciclo de vida gravídico-puerperal, e dos estudos advindos do interesse em compreender os modos de subjetivação produzidos no âmbito social, histórico e cultural com relação à figura materna (gestante ou puérpera¹) e suas repercussões nas práticas assistenciais.

Propomo-nos, então, a investigar as reverberações de mitos e crenças nas práticas discursivas em torno da figura materna no âmbito sociocultural a partir da análise do discurso de mulheres que se submeteram à proposta do parto humanizado. Percebemos o quanto essas escolhas estão impregnadas pelo discurso vigente, o da humanização do parto e do nascimento. Esse discurso, que gerou um saber sobre as formas de gestar um filho e de tê-lo, surgiu em resposta ao saber médico-intervencionista nos anos 50. Trata-se de um Movimento pela Humanização do Parto e do Nascimento composto por profissionais de camadas médias que buscavam modificar a assistência ao parto, em geral, e no âmbito da saúde pública. Norteados pela REHUNA (Rede Nacional pela Humanização do parto e do Nascimento) preconizavam as noções de natureza e a ideia de humanização do parto e do nascimento como formas de “empoderamento”² da mulher. Essa compreensão é atrelada à noção de maternidade, à constituição do gênero feminino, positivando o processo feminino de parir, feita pelo movimento.

¹O período puerperal inicia-se após a dequitação da placenta ou pela cessação de sua função endócrina nos casos de morte ovular, e divide-se em três etapas (Vokaer, 1955): puerpério imediato (1º ao 10º dia), puerpério tardio (10º ao 45º dia) e puerpério remoto (após o 45º dia).

²O empoderamento (empowerment) possibilita tanto a aquisição da emancipação individual, quanto a consciência coletiva necessária para a superação da “dependência social e dominação política” (Pereira, 2006).

Tendo em vista os pontos centrais do ideário do Movimento pela humanização do Parto e do Nascimento no Brasil, lançaremos, a partir de uma ampla reflexão, ideias que problematizem e complexifiquem a discussão, relativizando-a. Para isso, revelaremos seu processo de produção, a fim de melhor compreender seus efeitos no sujeito. Sendo assim, neste trabalho, tomamos como foco de análise os mecanismos e as estratégias de poder-saber que, nas culturas ocidentais modernas, permitem definir e apresentar a maternidade como se esta fosse uma essência, monolítica e a-histórica, inscrita na anatomia, fisiologia e psique da mulher. Por esse caminho, escolhemos nos aproximar das teorizações pós-estruturalistas utilizando, como estratégia metodológica, as análises foucaultiana e derridiana. Entretanto, faz-se necessário pontuar que outros atravessamentos se apresentam, como um olhar antropológico em alguns determinados pontos e um olhar da história em outros.

Cabe também pontuarmos que, com o objetivo de fundamentar essa discussão, desenvolvemos uma revisão da literatura sobre as representações maternas na história das mentalidades, desde o movimento higienista no Brasil do século XIX até os dias de hoje. Para isso, iremos analisar a memória coletiva (Pollak, 1989) sobre a figura materna ao longo desses anos para melhor compreendermos as repercussões desse legado histórico nos discursos midiáticos, médicos, sociais, políticos, psicológicos, assim como nos discursos e nas escolhas assistenciais das gestantes e mães na contemporaneidade.

Na análise dos discursos, levaremos em consideração a ação politizadora do movimento, que à medida que busca a conscientização da mulher sobre o parto e o nascimento do filho, critica a obstetrícia tradicional e, ao mesmo tempo, articula elementos do feminismo, do ecologismo e da medicina baseada em evidências.

Ao observarmos que por meio do discurso que se produz com o movimento do parto e do nascimento geram-se modos de parir, de nascer, percebemos, nesse processo, a mulher novamente como objeto de um outro saber-poder, desta vez não mais advindo da medicina tradicional, mas de um movimento que propõe mudanças no modelo de atendimento ao parto hospitalar/medicalizado no Brasil.

Essa mudança produz outros modelos de parir e nascer que impregnam a consciência de muitas mulheres e da própria sociedade como verdade última. No

entanto, os efeitos colaterais de uma prática calcada em ideários podem nos levar a um discurso radical sobre o tema. Como nos conta Tornquist,

Trabalhos teóricos importantes têm sido feitos por profissionais e pesquisadoras identificadas com o ideário do movimento, sobretudo no que tange à crítica do modelo hospitalar, hegemônico em muitos países, radicalizando a crítica assumida pela OMS a esse modelo e levantando pertinentes questões acerca das iniciativas que pretendem afinar-se com a categoria polissêmica de ‘humanização’ (2002, p. 484).

Se, por um lado, temos na sociedade moderna um declínio referente às atividades rituais das “principais transições da vida – nascimento, adolescência, casamento e morte” (Giddens, 2002, p. 138), por outro, tentamos resgatá-las a fim de promover certo amparo psicológico para o indivíduo enfrentar as dificuldades inerentes a tais transições. Entretanto, por vezes, essa tentativa de seguir uma tradição nos faz romantizar o passado como se ele fosse sempre bom, sem percalços.

Esse impasse motivou-nos a percorrer os discursos disseminados, tanto pela medicina tradicional quanto pelo movimento do parto e nascimento humanizados. Entendemos que os dois caminhos, aparentemente antagônicos, motivaram antigas formas de dominação, de busca de uma verdade, gerando outras formas de sofrimento, outros modos de gerar, de parir, produzindo desejos antes não fomentados, como o do parto humanizado.

Ao desnaturalizar esses conceitos, buscamos ver historicamente como se produziram determinados efeitos de verdade nos discursos e nas práticas, que não são, em si, nem verdadeiros nem falsos. Dessa forma, aproximamo-nos de Foucault, Deleuze, Guattari, dentre outros, pois cada um deles, a seu modo, procurou pensar a constituição dos saberes e das práticas sem buscar revelações de verdade e cientificidade.

Assim, pretendemos desvelar ao longo dessa dissertação os ecos de nossa análise, por meio da experimentação. Dito de outra forma, procuraremos alterar os processos hegemônicos de subjetivação em curso, que representam o imaginário social vigente (Bourdieu, 1997; Del Priore, 1997; Lévi-Strauss, 1985; Minayo, 1995; e Singly, 1993). Seguindo o rumo dessas reflexões, estruturamos em cinco capítulos essa dissertação, a fim de investigarmos as entrelinhas desse novo modo de maternidade.

No segundo capítulo, apresentamos de maneira geral os conteúdos trabalhados ao longo da dissertação. Nesse momento, traçamos em linhas gerais aquilo que nos motivou a sustentar o desejo de confeccionar este trabalho. Ao mesmo tempo, tentamos atravessar a apresentação, com um posicionando teórico, mostrando-nos enquanto agentes implicados com seu objeto de estudo.

No terceiro capítulo, abordaremos a história da figura materna, buscando em Walter Benjamin inspiração quanto ao processo de historiar. Nesse sentido, a mãe má e a mãe boa nos serviram como analisadores da maneira como o contexto sociohistórico influencia em nossa constituição subjetiva.

No quarto capítulo, discutiremos o tema da humanização do parto e do nascimento, propondo uma “marcha inversa” dos fatos. Para isso, recorreremos à visão dos autores pós-estruturalistas, como Michel Foucault, Jacques Derrida, e alguns interlocutores dessa forma peculiar de pensar o mundo.

A tônica deste capítulo recai na representação social da mulher-mãe, na politização do feminino e da maternidade contemporânea, tendo em vista que vivemos tempos em que somos atravessados por forças que nos destituem de nosso poder de criação. Resta-nos consumir algo que acreditamos querer, que acreditamos ser nosso.

No quinto capítulo, daremos voz às mulheres-mães que compram o “parto dos sonhos”, aquele que veio para resistir aos preceitos da medicina tradicional, mas que, por fim, sucumbiu aos encantos da certeza, da verdade, do caminho reto. Analisaremos depoimentos de quatorze mulheres, disponibilizados em sites especializados em Parto Humanizado. Destacamos quatro temas: 1) Parto humanizado: uma alternativa à industrialização do parto, 2) Práticas produtoras de desejos, 3) Parto dos sonhos, o parto ideal: a mulher como protagonista, e 4) Cesariana: frustrações e tristeza quando se quer um parto naturalmente “natural”.

Finalizando, refletimos sobre os elementos instituintes presentes nos depoimentos dessas mulheres, e apontamos as fissuras nos modelos hegemônicos de maternidade. Trilhando outros caminhos, podemos romper com o instituído, gerando outros modos de existencialização, apontando outros modos de ser mãe que escapem às universalizações. Ressaltamos que os indivíduos podem experimentar o que está para aquém e além de si, podendo, então, outrar-se, (re)inventar-se. Assim, vislumbra-se a emergência de devires-outros,

possibilitando a criação de condições para que se construam, de forma autônoma, novos territórios com os componentes da subjetivação.